

## A TRADUÇÃO PARA O FRANCÊS DOS NOMES PRÓPRIOS AUTÊNTICOS EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Sophie Guerin MATEUS (Université Grenoble 3)<sup>214</sup>

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar a tradução para o francês dos nomes próprios autênticos, isto é, dos antropônimos e dos topônimos que representam pessoas e lugares reais, em *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Para isso vamos nos apoiar principalmente nas teorias da semântica interpretativa de François Rastier e Louis Hébert. O romance foi traduzido para o francês por Jean-Jacques Villard em 1963 e por Maryvonne Lapouge-Petorelli em 1991. Os nomes próprios autênticos permitem ancorar o romance na realidade e são também elementos culturais, já que pertencem à geografia e à história do país. Além disso, esses nomes têm notoriedade e, portanto, são associados a certo número de características que podem ser transferidas a personagens que pertencem à mesma categoria. No entanto, apesar de usar esses nomes reais na sua obra, o autor não procura contar “a verdade”. Ele modifica a localização geográfica de alguns lugares e até os nomes de personagens, adaptando a realidade às necessidades do romance e ao que ele quer expressar. Traduzido para o francês, o romance será lido num contexto cultural diferente com conhecimentos sobre a história e a geografia brasileira que podem ser limitados. Os nomes próprios perdem assim sua notoriedade. É preciso, então, se perguntar o que o nome próprio traz para a obra e se ele ganha ao ser traduzido ou se é melhor deixá-lo como no original. Quando é importante do ponto de vista semântico, o tradutor deve levar em consideração a função poética do nome e traduzi-lo de forma criativa, de acordo com as teorias de Walter Benjamin e Haroldo de Campos sobre tradução e linguagem. Assim, depois de listar os nomes próprios autênticos no romance e em suas traduções, analisamos em que casos e como foram traduzidos. Quando deixados como estão no original, podemos nos perguntar que informação é transmitida ao leitor francês e se os tradutores procuraram transmitir ao leitor um conhecimento sobre essas personagens e esses lugares. Podemos destacar, por exemplo, a (quase) ausência de notas de rodapé. Os dois tradutores escreveram prefácios, mas nenhum dos dois abordou o tema das personagens e lugares autênticos. Portanto, não parece que consideraram esse aspecto essencial para suas traduções.

**Palavras-chave:** Tradução. Nomes próprios autênticos. Guimarães Rosa. Transferência cultural.

**ABSTRACT:** *This work intends to analyze the translation into French of the authentic proper names, that is, of the name of real human beings or places in the book Grande Sertão: Veredas, by João Guimarães Rosa. For this, we will rely mainly on the theories of the interpretive semantics of François Rastier and Louis Hébert. The novel was translated into French by Jean-Jacques Villard in 1963 and by Maryvonne Lapouge-Petorelli in 1991. Authentic proper names allow anchoring the novel in reality and are also cultural elements, since they belong to the geography and history of the country. In addition, these names are notorious and therefore are associated with a number of characteristics that can be transferred to characters belonging to the same category. However, despite using these real*

---

<sup>214</sup>A autora é mestre em literatura pela Université Grenoble 3 e graduada em Letras francesas - Tradução pela UnB. Contato: [sofiguerin@yahoo.fr](mailto:sofiguerin@yahoo.fr).

*names in his work, the author does not seek to tell "the truth." It modifies the geographical location of some places and even the names of characters, adapting reality to the needs of the novel and what it wants to express. When translating the novel into French, it will be read in a different cultural context with knowledge about Brazilian history and geography that may be limited. The proper names thus lose their notoriety. O translator must then ask what the proper name brings to the work and whether it gains to be translated or whether it is better to leave it as in the original. When it is important from the semantic point of view, the translator must take into account the poetic function of the name and translate it creatively, according to the theories of Walter Benjamin and Haroldo de Campos about translation and language. So, after listing the authentic proper names in the novel and its translations, we analyze in which case and how they were translated. When left as it is in the original, we may ask what information is transmitted to the French reader and if the translators seek to convey to the reader knowledge about these characters and places. We can highlight, for example, the (almost) absence of footnotes. The two translators wrote prefaces, but neither of them approached the theme of authentic characters and places. Therefore, it does not seem that they considered this aspect essential for their translation.*

**Keywords:** Translation. Authentic proper names. Guimarães Rosa. Cultural transfer.

## INTRODUÇÃO

*Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, foi escrito em 1956. Nele o fazendeiro Riobaldo conta suas aventuras da época em que era jagunço a um visitante desconhecido. Nesse romance, os nomes próprios são abundantes e, entre eles, podemos destacar os antropônimos e topônimos autênticos, isto é, que representam lugares ou pessoas que realmente existem ou existiram e assim representam elementos culturais do povo brasileiro. Esses nomes autênticos têm várias funções na construção da história: ancorá-la na realidade do sertão mineiro, ativar a memória coletiva do leitor brasileiro e a força mítica de personagens que fazem parte da história do país e “contaminar” os personagens fictícios com as características dos personagens reais. Através das teorias da semântica interpretativa de Rastier e Hébert, vamos analisar como funcionam os nomes próprios autênticos na obra e seu papel na construção do sentido. Ao traduzir essa obra para um lugar onde essas localidades e personagens históricos não são geralmente conhecidos, esses nomes se tornam iguais a qualquer nome próprio fictício, não remetendo a nada de particular para o leitor. O tradutor deve decidir se vai traduzir os nomes próprios, adaptá-los ou deixá-los como estão no original e se o critério da autenticidade pode ser considerado ou não. *Grande Sertão: Veredas* foi traduzido duas vezes para o francês. A primeira tradução data de 1963 e foi feita por Jean-Jacques Villard. A segunda tradução, de Maryvonne Lapouge-Petorelli, é de 1991. Vamos analisar suas estratégias ao traduzir os nomes próprios autênticos, como o critério da autenticidade foi considerado e se foi realizada uma transferência cultural por meio da tradução. Para analisar as traduções, vamos nos apoiar nas teorias de Benjamin e Haroldo de Campos, assim como nos conselhos dados pelo próprio autor a seus tradutores.

## ELEMENTOS DA REALIDADE EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

### 1. NOMES PRÓPRIOS AUTÊNTICOS EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Os nomes próprios autênticos se opõem aos nomes próprios fictícios, já que representam lugares ou pessoas que não foram criados pelo autor mas pertencem ou

pertenceram ao “universo real”. De acordo com Hébert, a semântica interpretativa, teorizada por Rastier, considera não somente o conteúdo linguístico do nome, como também seu conteúdo em contexto. Assim, o nome próprio fictício contém a priori apenas semas macrogenéricos. Por exemplo, sabemos somente que uma pessoa que se chama João é um homem, provavelmente de um país lusófono. Outras características vão ser associadas ao nome à medida que a história se desenrola. O nome próprio autêntico traz de imediato, segundo Hébert, quatro tipos de semas: “João Guimarães Rosa” contém assim semas macrogenéricos (/humano/, /sexo masculino/), mesogenérico (/literatura/), microgenérico (/escritor mineiro/) e específicos (/sertão/, /metafísica/, /regionalismo/, etc.). Os nomes autênticos contêm, portanto, mais informações e remetem à geografia, à história, à cultura do lugar ao qual eles pertencem, nesse caso o Brasil.

Em *Grande Sertão: Veredas* a abundância de topônimos enfatiza a impressão de aventura, de epopeia, assim como de percurso iniciático. Para Willi Bolle, “perder-se no Grande Sertão é tão importante quanto acertar o caminho” (BOLLE, 2004). Os estudos e mapas realizados por Viggiano (1974) e de Almeida Toledo (1982) permitem ter uma ideia concreta do caminho percorrido pelos jagunços e situam a história. Viggiano afirma que Rosa não inventou um topônimo sequer no romance inteiro, tendo constatado a existência real de uma percentagem elevada de nomes de rios, lagos, córregos, veredas, vilas, cidades e povoados no Norte de Minas, Sudeste de Goiás e Sudoeste de Bahia. Descobriu também que o itinerário de Riobaldo e dos jagunços seguia as trilhas naturais do sertão e os leitos dos rios, e que as localidades se sucediam numa mesma ordem na narração e no mapa. Nesse caso os topônimos têm a função de ancorar o romance na realidade do sertão mineiro, conferindo maior autenticidade à narração.

Da mesma forma encontramos personagens que realmente existiram e fizeram parte da história do Brasil do fim do século XIX e início do século XX, como o demonstrou Lopes (2006). São geralmente coronéis e jagunços. Por exemplo, Rosa menciona Prestes, que lançou uma batalha contra o governo da República Velha de 1925 a 1927; evoca Manoel Tavares de Sá, conhecido por Neco, que agia no sertão da Bahia; Antônio Dó e Indalécio Gomes Pereira, que lutaram contra a cidade de São Francisco, defendida pelo major Alcides de Amaral. Podemos também citar João Duque, que viveu em Carinhanha, no Vale do São Francisco, na Bahia, e o coronel Horácio de Matos (1882-1931), que pretendia ter o domínio da região da Chapada Diamantina e se envolveu em diversas lutas armadas, comandando um exército de jagunços. Rotílio de Souza Manduca também foi um dos personagens políticos do início do século XX no estado de Minas Gerais, visto por uns como um assassino sem escrúpulos e por outros como um justiceiro e um fino poeta. Josafá Jumirol Ornelas pode ser reescrito como Joaquim Gomes de Ornelas, um parente de João Duque, protetor de Antonio Dó (UTÉZA, 1994: 97). Através desses personagens são representados os fenômenos da jagunçagem e do coronelismo. As alianças entre jagunços e coronéis deram lugar a lutas violentas e saques a cidades. O exército brasileiro combatia os jagunços, entre os quais Neco e, posteriormente, Antônio Dó e Indalécio Gomes Pereira, que seriam considerados heróis por parte da sociedade. Essa mistificação do jagunço faz parte do imaginário coletivo e marca a adolescência de Riobaldo. Por analogia ou aproximação, todos os personagens são contaminados por essa mistificação e aparecem como lutadores, heróis e justiceiros. Isto é reforçado pela menção feita ao episódio da “Coluna Prestes”, que o antropólogo Saul Martins descreve como muito importante, tendo marcado a memória da região. “Todos que viveram este período se lembram. A Coluna Prestes é uma citação obrigatória e Guimarães Rosa a utilizou porque faz parte da história do Sertão” (MARTINS, apud LOPES, 2006: 53). Utéza observa que, embora essas referências históricas permitam contaminar Riobaldo e os outros jagunços por sua historicidade, “o exagero épico projeta esse conteúdo histórico no domínio do imaginário coletivo.” (UTÉZA, 1994: 95).

## 2. UMA REALIDADE ADAPTADA AO UNIVERSO DO ROMANCE

Os elementos autênticos presentes em *Grande Sertão: Veredas* não são exatamente fiéis à realidade. Assim, Bolle critica o ponto de vista de Viggiano, acusando-o de “sobrevalorizar a geografia factual em detrimento do imaginário e da imprecisão estratégica da ficção” (BOLLE, 2005). Destaca um trecho de quase cem páginas do romance onde se apagam as referências geográficas reais, com os jagunços errando ao longo dessas páginas para ir do Ribeirão-do-Galho-da-Vida (Rosa, 2006: p.321) ao córrego Sucuriu, lugares na realidade bem próximos. Assim, Rosa sobrepõe ao espaço geográfico real uma toponímia inventada e, às vezes, usa topônimos reais, mas modifica sua localização segundo as necessidades do texto. Assim, não se pode negar a parte de realismo que os topônimos trazem em *Grande Sertão: Veredas*, mas não devemos exagerar sua importância. Da mesma forma Utéza relativiza a regionalização do romance através dos topônimos, o que se impõe mais, de acordo com ele, “graças a um décor construído por referências vegetais, animais, climáticas, sociológicas, cuja abundância acaba por criar um efeito de relativo ‘exotismo’” (UTÉZA, 1994). Antonio Candido (1978), por sua vez, realça a relação ambígua que Rosa tinha com a geografia, sobrepondo ao espaço físico real uma toponímia imaginária.

Com os antropônimos podemos observar a mesma liberdade com a realidade. Assim, Andalécio Gomes Pereira tinha, na realidade, o apelido de Indaleste. Rosa transformou seu nome em apelido e alterou seu nome real quando escreveu: “Andalécio – o que, de nome real: Indalécio Gomes Pereira – homem de grandes bigodes” (ROSA, 2006: 166). Essa mudança permite insistir no significado do nome Andalécio, já que apelidos são dados normalmente em função de uma característica da pessoa que o possui. Em Andalécio encontramos o sema /nômade/, como o demonstra Machado (1976: 73), o que o opõe aos fazendeiros, para os quais a propriedade e os bens materiais são essenciais, valorizando suas qualidades de homem que luta por um ideal, contra as injustiças. Já Maria da Cruz foi uma das mais importantes personagens da região do sertão. Comandou uma grande rebelião popular, mobilizando milhares de revoltados contra os impostos excessivos exigidos por Portugal no fim do século XVIII, mas foi vencida pelas forças oficiais de Minas. Ela e seu filho foram presos e Pedro Cardoso foi mandado em exílio em Angola. Em *Grande Sertão: Veredas*, são apresentados por Diadorim como os ancestrais do personagem fictício Titão Passos, que herda assim os semas /coragem/, /herói/, /luta/.

## 3. OS NOMES PRÓPRIOS COMO ELEMENTOS DE CULTURA

Como Utéza afirmou, a regionalização do romance não se encontra principalmente nos elementos de realidade, mas em “referências vegetais, animais, climáticas, sociológicas”. Acrescentamos que os nomes próprios, autênticos ou não, em sua forma ou em seu significado, trazem elementos de cultura, já que nomeamos as coisas em função do conhecimento que temos sobre elas e da nossa visão do mundo. Assim, os topônimos mostram a realidade pecuária do sertão mineiro e indicam a ubiquidade do gado, traço presente em vários nomes de localidades pela região afora: Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita, Currais do Padre, Bambual do Boi, entre outros. Os antropônimos, particularmente os apelidos, trazem referências à fauna ou à flora brasileira, como “Zé Onça”, “o Cajueiro”, “João Tatú”, “Marimbondo”, que é também uma palavra originária do quimbundo *mari'mbondo*, “vespa”. Outros antropônimos vêm do tupi, como “Joaquim Beijú”, *bem'yu*, que significa “bolo da farinha de mandioca”, ou “José Micuim”, do tupi *mikui'y'i*. Topônimos comportam também pelo menos uma parte em dialeto indígena. É o caso do rio Paracatú, de origem tupi e que significa “rio bom”, ou do rio Carinhanha, “local do sapo” em dialeto dos índios caiapós.

Nos topônimos como nos antropônimos os sufixos aumentativos e diminutivos são frequentes. Podemos também destacar o uso de topônimos com -im (substituto popular de -inho), como “Curalim”, por exemplo. Daniel observa que aparecem com frequência as vogais nasais ã e õ, como em “Jijujã” e os ditongos ão e õe, como em “Jalapão”, “Sussuarão”, “Paredão”, “Tamandua-tão”, “Serra das Divisões”, entre outros. Nos antropônimos, encontramos “Diadorim”, “Jenolim”, “Joãozinho”, “Dona Dindinha”, “Simião”, “Ricardão”, “Davidão”, entre outros. Essa é uma marca da língua portuguesa. Finalmente, no que diz respeito aos antropônimos, as abreviações são traços da cultura brasileira também. Podemos destacar “Zé”, abreviação de “José”, “Joca” para “João Carlos” ou também “José”, “Jõe” para “João”, ou ainda “Quim”, abreviação de “Joaquim”.

Enquanto os nomes próprios autênticos dependem do conhecimento que o leitor tem sobre eles para sentir seu efeito, todas essas marcas são elementos culturais presentes nos nomes que podem ser transferidas para a cultura da língua de chegada, sem que ele tenha obrigatoriamente um conhecimento prévio sobre eles.

## **O TRADUTOR FRENTE AOS NOMES PRÓPRIOS AUTÊNTICOS DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS***

### **1. AS POSSIBILIDADES DO TRADUTOR DIANTE DOS NOMES PRÓPRIOS**

Diante dos nomes próprios o tradutor tem três escolhas: deixar o nome como está no original, realizar assimilação gráfica ou fonética para deixar o nome mais legível na língua de chegada, ou a tradução mais ou menos literal. Em literatura, os nomes próprios são partes integrantes do processo criativo do autor. Para Waleryszak,

Les noms propres présents dans les textes littéraires, que ce soient des anthroponymes ou des toponymes, contribuent à parfaire la toile de fond. Ils chargent le récit de multiples richesses et peuvent être un élément fondamental de la création littéraire. Il n'est pas vain que le traducteur en soit conscient afin de prêter une attention particulière au devenir de ces désignations. (Waleryszak, 2008: 171)<sup>215</sup>

Diante de um nome próprio autêntico, que corresponda a um lugar ou a uma pessoa que existe ou existiu, e que possa ter uma conotação cultural forte, é desejável que ele seja reconhecido pelo leitor da tradução para que ele faça as associações esperadas. No entanto, o nome próprio autêntico pode fazer parte da cultura do país do texto original e ser completamente desconhecido no país do texto traduzido. Nesse caso vão ser apreendidos pelo leitor da tradução como os outros nomes próprios: elementos que vão ganhar significados à medida que aparecem na história. Deixá-los como no original permite assumir uma dupla função linguística e cultural: deixar no texto elementos visíveis e sonoros, remetendo a uma realidade diferente da conhecida pelo leitor, além de aumentar o realismo da obra.

Contudo, há casos nos quais o escritor usa nomes próprios autênticos mas explora seu significado na língua de origem no texto, dando-lhes um valor semântico. Nessa situação o tradutor pode precisar avaliar se este é mais importante que sua autenticidade para tomada de decisão tradutória. Em carta datada em 11 de outubro de 1963, Guimarães Rosa afirma, ao tradutor italiano Edoardo Bizzarri, que certos nomes próprios têm que ser traduzidos ou adaptados e que não gosta que todos os nomes próprios sejam deixados em sua forma

---

<sup>215</sup> “Os nomes próprios presentes nos textos literários, sejam eles antropônimos ou topônimos, contribuem para aperfeiçoar o plano de fundo. Enchem a narrativa com múltiplas riquezas e podem ser um elemento fundamental da criação literária. Vale a pena que o tradutor seja consciente disso a fim de prestar uma atenção particular ao devir dessas designações.” (Tradução nossa)

original. Para ele o tradutor deve decidir de acordo com sua intuição, mas ressalta o critério fônico:

NOMES PRÓPRIOS. - Exato. Assim também é que eu pensava: V. deixando uns como estão, e traduzindo outros. Ou, mesmo, “inventando”. Quando entra seu “critério exclusivamente pessoal, arbitrário e fônico”, fico alegre e tranquilo. Nele é que, sinceramente, confio. (O tradutor francês, de acordo comigo, está procedendo assim. Os norte-americanos deixaram tudo na forma original, o que achei ruim.) (ROSA, 1980: 21)

Como podemos ver, para Guimarães Rosa a autenticidade do nome próprio não parece ser critério para decidir como o tradutor deve proceder. Da mesma forma, para seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason, em carta de 14 de fevereiro de 1964, ele explica:

Quanto aos nomes próprios de lugares, penso que deveria traduzir muitos deles, principalmente os inventados, os quais devem funcionar pela própria capacidade sugestiva. (São, em geral, os que compõem já com o “acento” no significado.) O Amigo facilmente verá e sentirá quais que lucram com a tradução. Estes, por exemplo, acho: a Virgem-Mãe, a Virgem-da-Lage, as Veredas-Tortas, as Veredas-Altas, o Verde-Alecrim, a Vereda do Ouriço, a Coruja, o Morro do Cocoruto, o Pé-da-Pedra, a Vereda da Vaca Mansa de Santa Rita [...] Outros, toponímicos e onomásticos, lucrarão decerto ficando sem traduzir: pois valem por sugestivos pelo som ou pela forma: a Guararavacã do Guaicuí, a Barbaranha etc. Uns e outros, podem ser mesmo, em certos casos, “adaptados”. Sei que o tradutor francês está fazendo assim, otimamente. Nos Estados- Unidos, deixaram tudo como no original – não gostei nada disso. Às vezes, mesmo, tanto para nomes de pessoas como de lugares, quando compostos, ganhariam em interesse e sugestão pitoresca para o leitor, quando “semi-traduzidos”, mistos, traduzida uma parte do nome e deixada a outra como no original. Assim, talvez, por exemplo: Pacamã-de-Preas (Pacamã é um peixe, preas = caninos (dentes)); Marcelinho-Pampa (pampa = cor de cavalo pintado, malhado); João Vaqueiro; Freitas-Macho; Joaquim Beijú; Pedro Pintado; Zé Beicudo; Urutu Branco. (ROSA, 2003: p. 165)

O autor acha, assim, que muitos dos nomes próprios deveriam ser traduzidos, mas fala particularmente dos “inventados”. No entanto, ele não exclui a possibilidade de traduzir os nomes autênticos.

De acordo com Walter Benjamin, traduzir um texto equivale a transpor uma obra de sua historicidade para outra totalmente distinta: outro lugar, outra época, outro autor (o tradutor) e outra língua. É por isso que a tarefa do tradutor pode parecer impossível, obrigatoriamente imperfeita. No caso dos nomes autênticos, quando não conhecidos na cultura da língua de chegada, eles perdem muito dos semas que contêm de imediato na cultura da obra de partida. Mas a tradução artística não é uma simples transmissão de informação, mas daquilo que “se reconhece em geral como o inaferrável, o misterioso, o ‘poético’” (BENJAMIN, 2008: 66), que se encontra na lei da forma do original e precisa ser reproduzido pelo tradutor. Para Haroldo de Campos, traduzir é construir em outra língua uma nova

informação estética que, apesar de autônoma, estará ligada à informação estética do texto original por uma relação de isomorfia. Assim, embora as duas obras sejam diferentes na linguagem, um vínculo existirá entre elas, já que observarão um mesmo sistema. No caso dos nomes próprios, o tradutor precisa analisar como eles funcionam dentro do texto e como ganham sentido para tomar a decisão de traduzir o nome ou não. Caso opte por traduzir, deve fazê-lo não somente de acordo com o significado, mas de acordo com os procedimentos usados pelo autor para formar o nome.

## 2. OS ANTROPÔNIMOS AUTÊNTICOS NAS TRADUÇÕES FRANCESAS

Em *Grande Sertão: Veredas*, os nomes próprios autênticos permitem ancorar o romance na realidade local do sertão, sendo que todos os personagens pertencem à região entre Minas Gerais e Bahia. Além de dar um toque de realismo à história e legitimá-la, eles remetem ao imaginário coletivo, reforçando o mito em que essas personagens se tornaram na história do povo sertanejo e o sentimento de partilha de um patrimônio comum. Finalmente, essas personagens contaminam, com suas características, as personagens fictícias que pertencem à mesma categoria. Assim, esses elementos de realidade ajudam na construção do sentido. No entanto, para o leitor da tradução que não compartilha o mesmo imaginário coletivo e não conhece os personagens autênticos, eles têm o mesmo status dos outros personagens, o que anula o efeito da memória cultural.

É o que acontece nas traduções francesas, já que os dois tradutores, Jean-Jacques Villard e Maryvonne Lapouge-Petorelli, deixaram os antropônimos autênticos em sua forma original, sem identificá-los ou diferenciá-los dos nomes fictícios. Lapouge Petorelli escreveu apenas uma nota de fim na qual relata a biografia de Luis Carlos Prestes. Pode parecer surpreendente, já que, apesar de ser um personagem histórico importante na história do Brasil, ele é mencionado apenas uma vez no romance, e sem ênfase particular: “Os revoltosos depois passaram por aqui, soldados de Prestes, vinham de Goiás.” (ROSA, 2006: 98). De acordo com Aguiar (2010: 166-167), a nota de Lapouge-Petorelli pode se justificar por uma afinidade política da tradutora com o protagonista da Coluna Prestes e pelo fato de que ele faleceu um ano antes da publicação de *Diadorim* (título francês do *Grande Sertão: Veredas*). Villard, por sua vez, nem conservou essa referência: “Après les insurgés sont arrivés par ici, venus du Goiás.” (ROSA, 1965: 76) e omitiu também a referência a João Duque, assim como várias linhas sobre Carinhanha, que ele apenas menciona, como podemos ver no quadro abaixo:

**Tabela 1: Omissão do personagem João Duque por Villard**

| <i>Grande Sertão: Veredas</i> - texto original<br>(ROSA, 2006: 167)  | <i>Diadorim</i> - tradução de Jean-Jacques Villard<br>(ROSA, 1965: 125)                                  |
|--|--|
| Mas o mais foi ainda atual agora, recentemente, quase, isto é; foi logo de se emendar depois do barulhão em Carinhanha – mortandades: quando se espirrou sangue por toda banda, o senhor sabe: “Carinhanha é bonitinha...” – uma verdade que barranqueiro canta, remador. Carinhanha é que sempre foi de um homem de valor e poder: o coronel João Duque – o pai da coragem. | Mais le pire des temps récents a encore été à Carinhanha, un carnage, le sang coulait de tous les côtés. |

Lapouge-Petorelli não identificou outros personagens mais importantes e que aparecem várias vezes na obra, como Antônio Dó e Indalécio Gomes Pereira, que até participam da história de Riobaldo. A tradutora, na nota que antecede o romance (ROSA, 1991: 17), sublinha seu desejo de priorizar os aspectos poéticos e míticos do texto sobre a realidade, o que pode justificar a ausência da identificação dos personagens reais. Quanto a Villard, na sua nota do

tradutor (ROSA, 1965: 9), não apresenta os personagens autênticos, mas contextualiza o romance, explicando rapidamente como funcionava o mundo dos jagunços naquela época.

Por outro lado, vimos que certos personagens autênticos podem também conter no nome um valor semântico. É o caso, por exemplo, de Maria da Cruz e Pedro Cardoso, cujos nomes remetem à religião cristã. Maria e Pedro são dois nomes que se referem a personagens essenciais do Novo Testamento. São transparentes em francês e não precisam de tradução para ser reconhecidos. A cruz é um dos principais símbolos desta religião e Cardoso é um parônimo de “caridoso”, valor pregado pelo cristianismo. Esses dois personagens são associados ao personagem fictício Titão Passos, sendo seus ancestrais. Já que os tradutores não identificaram os personagens reais, poderiam ter trazido o valor semântico de seus nomes ao traduzir “da Cruz” e “Cardoso”, contaminando Titão Passos por esses símbolos cristãos. O nome Andalécio, ao ser transformado em apelido pelo autor, vê seu valor semântico reforçado. O morfema “andar” presente em “Andalécio” traz o sema /nômade/ no nome, que pode ser transmitido em francês por uma semi-tradução. Etimologicamente, “andar” vem do latim *ambulāre*, que em francês dá “ambuler”. Assim, Andalécio poderia ser traduzido por *Ambulécio*, por exemplo.

### 3. OS TOPÔNIMOS NAS TRADUÇÕES FRANCESAS

No que diz respeito aos topônimos, quando Guimarães Rosa expressa sua opinião sobre tradução a Meyer-Clason, ele apresenta seu projeto de escrita e mostra que a autenticidade não é o critério principal que deve ser analisado. Deve-se traduzir um topônimo quando seu significado o torna sugestivo. Às vezes o nome do lugar cria a atmosfera e reforça impressões e sentimentos que o autor quis passar ao leitor, o que é importante para o efeito poético do texto. Além disso, o topônimo pode carregar no significado alguma marca cultural interessante para o leitor estrangeiro, como seu modo de nomear as coisas. Em relação aos nomes que remetem à religião cristã, por exemplo, Lapouge-Petorelli traduziu a maioria deles, Villard preferiu deixá-los como no original. Assim, Lapouge-Petorelli traduziu palavras como “Almas” por “Âmes”, “Paraíso” por “Paradis”, “Cruz” por “Croix”, a “Serra de Deus-Me-Livre” por “le mont Dieu-m’en-Garde”, “o Brejo dos Mártires” por “le Marais-des-Martyrs”, entre outros. Além disso, Lapouge-Petorelli, ao contrário de Villard, traduziu boa parte dos topônimos com nome de Santo. Talvez Villard tenha achado esses termos transparentes o suficiente para que o leitor entenda as referências sem precisar da tradução.

Outros topônimos trazem uma imagem que contribui para a poesia do texto. Os tradutores franceses respeitaram isso, traduzindo a maioria dessas expressões. Assim, podemos destacar a “Vereda-da-Vaca-Mansa-de-Santa-Rita”, citada pelo autor, traduzida para “Combe à laVache-apprivoisée-de-Santa-Rita” (Villard) ou por “Bonne-Vache-de-Santa-Rita”, ou ainda a “Cachoeira-do-Choro”, traduzida para “Cascade-aux-Pleurs”. Villard e Lapouge-Petorelli traduziram os topônimos que contêm os termos em relação à pecuária como “boi(s)”, “touro” ou “boiada” e “vaca”. Podemos observar o mesmo para outros nomes de animais: “ema”, “veado”, “tucanos”, “coruja”, “cachorro”, “macacos”. Villard traduziu também os termos “Sambaíba” por “Acajou-Sauvage” e “O-Cocho” por “l’Auge”, enquanto Lapouge-Petorelli preferiu deixá-los em português. No entanto, esta traduziu “Jibóia” por “Boa-Constrictor”, “o Furado-do-Sapo” por “la Trouée-du-Crapaud” e “O Morcego” por “Pipistrelle”, enquanto Villard os deixou em português.

Ao longo da obra o escritor usa técnicas próprias à poesia: recursos de reiteração, rimas, enumerações, entre outras. Encontramos esses procedimentos dentro dos nomes próprios e devem ser considerados no momento da tradução. Daniel (1968) observa que aparecem com frequência as vogais nasais ã e õ, como em “Jijujã” e os ditongos ão e õe, como em “Jalapão”, “Sussuarão” e “Serra das Divisões”, entre outros. Já vimos que o diminutivo em -im ou -inho também é frequente. Villard deixou muitas das palavras com os

diminutivos em -im ou -inho em português, o que permite a repetição dessas terminações: “Currealinho”, o “Limãozinho”, a “Fazenda de São Joãozinho”, o “Dinho”, o rio “Sirubim”, a “Fazenda São Serafim”, entre outros. Lapouge-Petorelli, por sua vez, deixou alguns desses topônimos em português, mas traduziu muitos deles. Por vezes conservou a ideia do diminutivo, como quando traduziu o “Limãozinho” por “Citron Nain”, mas outras vezes, não. Assim, “São Josezinho da Serra” foi traduzido por “Saint-Joseph-du-Mont” e o “Tuim” se tornou “Un endroit [...] avec un nom de perruche”. Ambos traduziram “a Vereda do Ouriço-Cuim”, para “la Combe Du Hérisson” (Villard) e “le Val-du-Hérisson” (Lapouge-Petorelli), deixando de lado o termo “Cuim” e sua terminação em -im. Outro recurso é a justaposição. Castro (1970) nota que é, às vezes, o único recurso do autor para fugir da literalidade, mas outras vezes as palavras justapostas ganham uma nova conotação. Também podemos achar aglutinações como o “Lagamar” ou “Caixerópolis”. Traduzindo “Lagamar” por “Lagune”, Villard deve ter escolhido o termo devido a sua conotação romântica, mas não conserva o processo poético. Lapouge-Petorelli, traduzindo por “Lac-d’Amour”, conservou o significado, mas também não o processo poético. “Lacamour” teria sido mais próximo do original e perfeitamente inteligível pelo leitor. Castro destaca também os indianismos, que são numerosos entre os topônimos. Lapouge-Petorelli e Villard deixaram como no original muitas das palavras pertencentes aos dialetos indígenas, como “Urucúia”, “Jijujã”, “Jequitai” ou “Jaíba”. No entanto, Lapouge-Petorelli traduziu “Gorutuba” por “Indien-Blanc”, enquanto significaria “o pedregulhal, lugar de muitos pedregulhos”, do tupi *curu-tyba*. Quando uma parte da palavra está em português e a outra em dialeto, podemos ter uma semi-tradução. Assim o “Brejo do Jatobazinho” é traduzido por “Marais du Petit-Jatoba” por Villard e “Les-Marais-de-Jatoba” por Lapouge-Petorelli.

No caso dos topônimos, Villard omitiu também alguns deles: “o Preto e o Pardo” (p.34), os topônimos de “Extrema de Santa Maria” até “Fundo” (p.65), de “Furado-do-Meio” até “Córrego do Poldro” (p.68), “Jequié” (p.248), de “o Imbirussú” até “o Barreiro do Muquém” (p.305), de “O Buriti-Pintado” até “a Fazenda de São Serafim” (p.313), que foram substituídos pela expressão “par monts et par vaux” e o “Serro-Frio” (p.531). No total, são 37 topônimos que nem sequer aparecem na tradução de Villard, que muitas vezes conserva o topônimo em português e associa à tradução francesa. Por exemplo, escreve “A Cachoeira-dos-Bois, la Cascade-aux-Boeufs”, “Le Limãozinho, du Petit-Citron”, “La Serra do Pau-d’Arco, la Serra du Bois d’Arc”, “Le Chapadão das Vertentes, le Grand Plateau des Versants”, entre outros. Isso permite conservar a marca do estrangeiro e a sonoridade da palavra sem que o leitor estrangeiro perca o significado, ainda que perca espontaneidade e naturalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nomes próprios autênticos representam um elemento de cultura importante na obra literária, remetendo à geografia e à história do país. No entanto, para serem transmitidos como tal ao leitor da tradução, eles devem ser conhecidos por ele, senão serão apreendidos como qualquer outro nome que aparece na história. Além disso, o nome próprio autêntico pode ter sido escolhido pelo autor por seu valor semântico também. Por outro lado, o próprio nome pode conter elementos culturais, já que nomeamos as coisas em função de nossos conhecimentos prévios e de nossa visão de mundo. Estes podem ser transmitidos pela tradução ou até mesmo pela não tradução, no caso dos nomes provindos dos dialetos indígenas, por exemplo. Assim, o tradutor deve analisar como funcionam os nomes próprios dentro da obra e os procedimentos usados pelo autor na construção do sentido. A partir dessa análise o tradutor poderá decidir se traduzirá ou não os nomes próprios. No caso de optar pela

tradução, o nome próprio sendo parte do processo criativo do autor, o tradutor deve analisá-lo para decidir como proceder. Jean-Jacques Villard e Maryvonne Lapouge-Petorelli não parecem ter levado em conta a autenticidade dos nomes próprios ao traduzi-los. No entanto, traduziram as referências culturais contidas nos nomes, como as referências à religião cristã e à atividade agropecuária. Deixaram também a maioria dos nomes indígenas como no original. Permitiram, assim, uma transferência cultural através dos nomes próprios, mas não reproduziram todos os recursos poéticos presentes nestes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Márcia Valéria Martinez de. **Traduzir é muito perigoso. As duas versões francesas de Grande Sertão: Veredas** - historicidade e ritmo. 2011. Márcia Valéria Martinez de Aguiar; orientador Mário Laranjeira. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br: O romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.

CAMPOS, Augusto de. Um lance de "dés" do Grande Sertão. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa em dois volumes**, volume 1. Org. e prefácio Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: \_\_\_\_\_ . **Tese e antítese: ensaios**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CASTRO, Nei Leandro de. **Universo e vocabulário do « Grande Sertão »**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: travessia literária**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

HÉBERT, Louis. **Nom propre et sémantique interprétative. Sens et signification du nom propre dans le texte littéraire**. (remaniement de Hébert 1995, non publié). Tese (Doutorado em Literatura), Université Laval, 1996, 160 p.

LOPES, Kerison. Riobaldo, Zé Bebelo, Antonio Dó... na formação da bravura do povo brasileiro. **Revue Principios**, août-septembre 2006, 86, p. 52-56.

MACHADO, Ana Maria. **Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. **Trilhas do grande sertão**. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

RASTIER, François. La traduction: interprétation et genèse du sens. In LEDERER, M.; ISRAËL, F. (Org.). **Le sens en traduction**. Paris: Minard, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Diadorim**. Trad. Jean-Jacques Villard. Paris: Albin Michel, 1965.

ROSA, João Guimarães. **Diadorim**. Trad. Maryvonne Lapouge-Petorelli. Paris: Albin Michel, 1991.

ROSA, João Guimarães; TOLEDO, Marcelo de Almeida. **Grande Sertão: Veredas**: as trilhas de amor e guerra de Riobaldo Tatarana. São Paulo: Massao Ohno – M. Lydia Pires e Albuquerque Editores. Sob licença da Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1982.

ROSA, João Guimarães. *J. Guimarães Rosa*: Correspondência com seu Tradutor Italiano Edoardo Bizzarri. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor Instituto cultural ítalo-brasileiro, 1980.

ROSA, João Guimarães; BUSSOLOTTI, Maria Aparecida F. Marcondes (Org.). **João Guimarães Rosa**: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: ABL ; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

UTÉZA, Francis. **João Guimarães Rosa**: Metafísica do Grande Sertão. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. **Itinerário de Riobaldo Tatarana**. Belo Horizonte: Ed. Comunicação Ltda.; Brasília, INL, 1974.

WALERYSZAK, Lydia. Quelques réflexions sur la traduction des anthroponymes authentiques présents dans les œuvres littéraires. In: **Onomastique romanesque, textes réunis par Y. Baudelle**, Narratologie, N°9, Paris, L'Harmattan, 2008.